

ANÁLISE DE TEXTOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA PERSPECTIVA PSICOLINGUÍSTICA

Maria Emurielly Nunes Almeida
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN – Bolsista PIBID)
Ana Michelle de Melo Lima
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Maria Iara Ferreira de Amorim
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN – Bolsista PIBIC)
Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN – Orientadora)

1 INTRODUÇÃO

Com este trabalho, temos como objetivo analisar a interferência da oralidade na aquisição da escrita pelas crianças, mais especificamente, alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, observando, assim, quais são os principais desvios da norma padrão da Língua Portuguesa cometidos nessa etapa, e o que leva os alunos a estes desvios.

Para isto, tomamos como base o trabalho de Capristano (2007), sobre a segmentação na escrita infantil, e o de Abaurre (2006), que traz estudos sobre a aquisição da escrita, que marcas da oralidade a criança apresenta em seu texto. Discutimos sobre concordância verbal e concordância nominal, e como os sujeitos na aprendizagem da escrita estão tratando essas regras da Língua Portuguesa.

Esta pesquisa está voltada para a realização de análises de textos produzidos por alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, de uma das escolas do município de Severiano Melo-RN. Estes textos foram produzidos em uma aula da disciplina Língua Portuguesa, depois que os alunos assistiram a um filme sobre a vida de Lampião, “o rei do cangaço”. Ao final da aula, a professora solicitou que os alunos produzissem um texto, a partir da compreensão. A turma era composta por 18 alunos que frequentam regularmente a escola. A professora procurou inovar sua metodologia de ensino, trazendo, para suas aulas, além do livro, outros recursos didáticos, como, por exemplo, o filme sobre Lampião.

Este trabalho divide-se em três seções. Em um primeiro momento, discutimos nosso referencial teórico, ou seja, as teorias nas quais nos baseamos para escrever este trabalho. Na sequência, discutimos nossos dados, procurando realizar a análise dos textos coletados, para identificar como a oralidade interfere na escrita infantil, por último, nossas considerações finais, em que sintetizamos os resultados obtidos e mencionamos algumas contribuições e perspectivas de aplicação para o estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Inicialmente, consideramos pertinente discutir um pouco sobre a Psicolinguística, uma ciência que procura trabalhar interligando a Psicologia e a Linguística, para explicar os fenômenos da aquisição da linguagem. Segundo Balieiro (2001), a Psicolinguística, hoje, trabalha com uma visão interdisciplinar, ligando-se a outros estudos, conforme podemos observar nas palavras do autor:

No estado atual da Psicolinguística, denominado por Kess (1992) de *período da teoria psicolinguística, realidade psicológica e ciência cognitiva*, o campo se apresenta em um estado de transição, com pesquisas oriundas de várias escolas teóricas, como, por sinal, é também o caso da Psicologia e da Linguística. Outra característica importante é o grande número de trabalhos interdisciplinares, atestando o reconhecimento de que problemas científicos em um campo afetam vários campos correlacionados. (BALIEIRO, 2001, p. 180)

Diante disto, entendemos que a Psicolinguística procura relacionar os estudos da Psicologia sobre o pensamento e o comportamento humano com os estudos linguísticos sobre a linguagem, ou seja, como o comportamento humano interfere e/ou auxilia na aquisição da linguagem, tanto escrita como a oral. Para isso, ela se utiliza de diversas pesquisas oriundas de outras áreas, o que a torna uma disciplina interdisciplinar, ou seja, que se utiliza de vários outros estudos para traçar seu objeto de estudo, no caso da Psicolinguística, a aquisição da linguagem, as disciplinas com as quais a Psicolinguística trabalha são a Linguística e a Psicologia.

Dessa forma, entendemos que a Psicolinguística procura estudar como o ser humano adquire a linguagem, tanto oral como a escrita. Segundo Scarpa (2001, p. 205) “hoje em dia, a Aquisição da Linguagem alimenta os tópicos recobertos pela Psicolinguística, além de ser de interesse central nas ciências cognitivas e mesmo nas teorias linguísticas [...]”, ou seja, a Psicolinguística realiza estudos para saber como ocorre o processo da aquisição da linguagem pelo ser humano, como ele faz para desenvolver os códigos que utiliza durante sua comunicação, como o ser humano aprende tanto o código oral como o escrito.

A partir de agora, trataremos especificamente sobre a aquisição da escrita. Para Stampa (2009, p. 51) a escrita é: “um método de comunicação criado pelo homem tempos depois da linguagem ter sido adquirida. A escrita ocorreu de um processo que levou milhares de anos até o aparecimento do alfabeto de 23 letras usado pelos romanos durante os séculos a.

C”, ou seja, a escrita surgiu muito depois da comunicação por meio da oralidade. Até chegar ao que temos hoje como alfabeto, foram milhares de anos para que ele fosse criado e decifrado. Por esse motivo, a oralidade interfere na escrita, pois, aprendemos a falar antes de escrever, talvez por isso, reproduzamos na escrita o que falamos.

Diante disso, observamos que a escrita infantil é repleta de interferências da oralidade, na maioria das vezes, as crianças escrevem exatamente como falam. Isso acontece porque a escrita é desenvolvida, e antes que isso ocorra, a criança vai escrevendo o que ela já conhece, nesse caso, o que ela fala. Para Vygotsky (1978 *apud* ABAURRE, et al., 2006, p. 40), a linguagem escrita é:

[...] a linguagem escrita, longe de ser uma habilidade motora complexa, é um sistema particular de símbolos e signos e que seria imprescindível entender a história de desenvolvimento simbólico na criança e o lugar da escrita nesse desenvolvimento para se chegar a uma solução correta sobre a psicologia da escrita. Essa história começaria com os gestos, passaria pelo simbolismo na brincadeira (games) e no desenho para desembocar na escrita.

Com isso, Vygotsky quer dizer que a escrita, assim como a fala, é desenvolvida pela criança, quando ela passa a compreender e interpretar os signos e símbolos que estão a sua volta. Ele ainda ressalta que a criança primeiramente age através de gestos, depois de brincadeiras e desenhos para finalmente conseguir desenvolver a escrita.

A escrita, assim como a fala, é desenvolvida pela criança através da interação, ou seja, ela desenvolve a escrita observando os ensinamentos dos adultos. Ferreiro (1986 *apud* ABAURRE, et al., 2006, p. 38) diz o seguinte sobre o papel do adulto na aquisição da escrita pela criança:

O papel do adulto é o de quem informa a criança sobre aspectos da escrita que não seriam dedutíveis do próprio objeto, tais como: nomes de letras e sinais de pontuação, a distinção entre números/ letras/sinais de pontuação, a orientação convencional da leitura. Aí, estaríamos no terreno dos conhecimentos sociais transmitidos, e altamente convencionais cuja aquisição requer condições sociais específicas.

De acordo com essa concepção, o adulto é fundamental na aquisição da escrita, é ele quem vai guiar a criança na sua aprendizagem. É dele que vão partir as informações sobre as distinções entre o que é um número, o que é uma letra e o que são os sinais de pontuação, por exemplo. Depois que conseguimos assimilar tudo isso, vamos adquirir a habilidade da leitura.

Considerando o que foi discutido acima, entendemos que a escrita é desenvolvida através da interação, já que ninguém aprende nada sozinho, em tudo que fazemos e aprendemos, somos guiados pelos ensinamentos de outros, do que já foi trilhado por outras pessoas. O social é fundamental para que possamos adquirir tanto a fala como a escrita, tudo parte da maneira como interagimos com o mundo. Temos que levar em consideração que, na maioria das vezes, as crianças necessitam de um ambiente apropriado para essa aprendizagem. A escola seria esse lugar perfeito, onde a criança aprende tudo que precisa para construir o seu saber, além disso, aprende interagindo com outras crianças.

Considerando que a escola é o lugar onde a criança adquire a escrita, entendemos que o processo de ensino aprendizagem é formado por um sujeito que aprende e outro que ensina. Os dois agem em um processo contínuo de aprendizagem. Para Ferreiro (1986 *apud* ABAURRE, et al., 2006, p. 38), o sujeito que aprende seria:

O sujeito cognoscente, o sujeito que busca adquirir conhecimento, o sujeito que a teoria de Piaget nos ensinou a descobrir (...) um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia, e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito que espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele (...) é um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo, e que constrói suas próprias categorias de pensamento, ao mesmo tempo que organiza seu mundo.

Com isso, a autora tenta nos transmitir que o sujeito inserido em um contexto de aprendizagem não é passivo, pelo contrário, ele é totalmente ativo, não espera que alguém venha lhe transmitir o conhecimento, é ele mesmo quem vai buscá-lo. A pessoa quando está aprendendo tenta compreender da melhor forma possível tudo o que está a sua volta, ela tende a assimilar qualquer novo conceito, incorpora tudo que possa ajudá-la na construção do seu conhecimento. Mesmo que se esforce, ninguém aprende sozinho, todos nós aprendemos em um contexto de interação, de trocas cognitivas, seja na escola, em casa, ou em qualquer outro lugar, o ser humano necessita desse intercâmbio de informações.

Dessa forma, os desvios da norma na aquisição da escrita não devem ser tomados ao pé da letra, podem sim ser tratados como um estágio comum nesse processo. Abaurre (ABAURRE et al., 2006, p. 16-17) descreve esses “erros” como:

Durante um longo período, os estudos e práticas pedagógicas ignoraram o fato de que os erros cometidos pelos aprendizes de escrita/leitura eram, na

verdade, preciosos indícios de um processo em curso de aquisição da representação escrita da linguagem, registros dos momentos em que a criança torna evidente a manipulação que faz da própria linguagem, história da relação que com ela (re) constrói ao começar a escrever/ler.

Durante muito tempo, os desvios cometidos na fase da aquisição da escrita foram tidos como algo negativo, que atrapalhavam a criança nesse momento tão importante da sua vida. Contudo, hoje com diversas pesquisas e estudos sobre o que são estes desvios da norma, que as crianças cometem durante a aquisição da escrita, percebemos que, ao invés de serem tratados como algo negativo, passam a ser vistos como aspectos importantes na construção do conhecimento, tanto escrito como da leitura. Os desvios da norma produzidos na fase de aquisição da escrita devem ser considerados como uma etapa fundamental na aprendizagem da escrita, são através deles que as crianças desenvolvem o que é adequado, é trabalhando com os desvios cometidos que o professor mostra para seus alunos a escrita adequada da palavra, ou expressão.

Diante de tudo que foi discutido, compreendemos que as interferências da oralidade na aquisição da escrita nos anos iniciais devem ser vistas como parte do processo de aquisição da escrita, pelo fato de que, nesse período, as crianças estão passando por um novo processo de aprendizagem. Segundo o trabalho de Koch (1997), estas interferências são partes “do pressuposto de que o modelo de texto que a criança possuiria nas séries iniciais de escolarização, seria o modelo do texto oral” (KOCH 1997 *apud* CAPRISTANO, 2007, p. 8).

De acordo com essa concepção, como a criança já adquiriu a oralidade, ela vai levar essas marcas presentes na sua fala para o seu texto escrito, ou seja, o modelo de texto que elas conhecem, o oral. Essas interferências são vistas como erros gramaticais, de concordâncias, etc. Contudo, nessa fase, as crianças ainda estão passando por um processo de aquisição, desse modo, é aceitável, que elas cometam desvios.

Dessa maneira, nos anos iniciais da aquisição da escrita, as crianças tendem a não segmentar os textos. Sobre esse tema, Abaurre (1991 *apud* CAPRISTANO, 2007, p. 16) vai nos dizer o seguinte:

Critérios ligados à percepção de grupos tonais (...), esse critério seria utilizado, principalmente, por crianças menores, já que algumas crianças muito novas tendem a segmentar menos, e a recorrer basicamente à sua percepção das unidades da fala.

Observando essa concepção, percebemos que as crianças, nos anos iniciais da escolarização, tendem a não segmentar, ou seja, não separar as palavras na hora de escrever, utilizando espaços em branco entre uma e outra. Esta é outra marca da influência da oralidade na escrita, já que quando falamos, não percebemos que as palavras estão separadas umas das outras, por esse motivo, as crianças não tendem a separá-las. Quando elas finalmente conseguem separar essas palavras, é porque estão tentando registrar na escrita as pausas que realizam na hora de falar. Dessa forma, pouco a pouco, elas vão conseguindo realizar a segmentação adequada das palavras.

Diante disto, observamos que há uma distinção entre a oralidade e a escrita, pois, quando falamos, não apresentamos tanta formalidade como quando escrevemos, principalmente na escrita de alguns gêneros, como, por exemplo, os escolares e acadêmicos. Segundo Corrêa (1997, *apud* CAPRISTANO, 2007, p. 30), a oralidade e a escrita são polos opostos, isso por que:

[...] uma posição teórica que conceberia a relação entre o oral e o escrito como uma relação entre pólos opostos. “Para Corrêa (1997)”, é possível dizer que “é a partir da criação dessa dimensão entre dois pólos opostos que se desenvolveu a reflexão mais significativa a respeito da relação entre o oral e o letrado tanto na produção de textos escritos, como na produção de textos falados”.

Como nos é apresentado pela autora, a escrita e a oralidade são as duas faces de uma mesma moeda, ao mesmo tempo em que são distintas, também se completam. A fala é uma das primeiras formas de comunicação que desenvolvemos, algumas pessoas podem nunca desenvolver a escrita e se comunicar apenas pela fala. Contudo, quando a criança começa a ir à escola, pouco a pouco, vai adquirindo os códigos da escrita, até que se torna um indivíduo letrado. A escrita completa a oralidade, pois são códigos diferentes que os seres humanos utilizam para sua comunicação, quando não temos como falar com alguém, escrevemos, e ocorre também quando temos que utilizar os gêneros escritos para a comunicação.

Considerando o que foi discutido acima, observamos que, apesar das diferenças existentes, a escrita e a oralidade se complementam. Nesse sentido, Capristano (2007, p.32) afirma que “[...] não existiriam textos e/ou enunciados que poderiam ser caracterizados como essencialmente orais ou essencialmente escritos; todos são, em verdade, produtos de um modo heterogêneo de construção”, ou seja, nem a escrita nem a oralidade são puras, uma sofre a interferência da outra, pois, dessa forma, uma vai construindo a outra. Por esse motivo, as

crianças quando estão na fase da aquisição da escrita tendem a escrever da mesma forma que falam, só com muita prática e o incentivo correto é que conseguem separar uma coisa da outra, e construir seu léxico relacionado à escrita.

Na sequência, procederemos à análise, procurando identificar como a oralidade interfere na escrita dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Para isso, consideramos os estudos discutidos acima sobre o processo de aquisição da escrita, para que possamos descrever os principais desvios cometidos neste processo e suas causas.

3 ANÁLISE DOS DADOS

A aquisição da escrita é marcada pela interferência da oralidade. Isso, muitas vezes, leva as crianças a cometerem desvios, os quais devem ser vistos como naturais, nesse processo de aprendizagem.

Para a construção desse trabalho, analisamos textos escritos por crianças do 6º ano do ensino fundamental. Para isso, levamos em consideração, entre outras coisas, a interferência da oralidade. Primeiro a professora trabalhou um filme com os alunos, que tratava da vinda de Lampião e seu bando a Mossoró, logo após disto, ele encaminhou a escrita do texto que teria como tema “Porque expulsaram o bando de Lampião”.

A repetição de palavras é uma marca muito comum na oralidade, pois, quando falamos, na maioria das vezes, não nos damos conta destas repetições. Por esta razão, levamos essa marca para o nosso texto escrito. Como por exemplo, no 1º texto, intitulado “Por que expulsaram o bando de Lampião”, no qual o aluno repete a frase quase que na íntegra. Vejamos:

“Lampião e seu bando foi expulso por todo povo de Mossoró, o povo de Mossoró expulsaram seu bando assaltando ele, dando uma boa surra nele e depois, já perto de Mossoró um carro na contra mão passou tão perto do Bando que botou o Bando no chão e partiu em três pedaços o chapéu de Lampião. O povo de Mossoró expulsaram Lampião, por que Lampião e seu bando queria, tirar a paz de Mossoró.”

Temos, nesse trecho, a repetição de “o povo de Mossoró”, usada para se referir aos habitantes dessa cidade. Isso mostra que o aluno ainda não tem um léxico estruturado, que possa ajudá-lo na substituição dessa expressão, como, por exemplo, “eles”, que se enquadraria perfeitamente, e evitaria a repetição. Outra marca clara da interferência da oralidade é a palavra “expulsaram” escrita com “s”, a qual deveria ser com “x”, isso ocorre com muita

frequência já que, quando pronunciamos a palavra expulsaram, o “x” tem o mesmo som da letra “s”. Por esse motivo, o aluno que está nos anos iniciais tende a cometer esse tipo de desvio, mas, com o passar dos anos, ele vai assimilando as regras gramaticais nesse processo de aprendizagem.

Ainda no que se refere às repetições de palavras, temos a seguir um trecho extraído do 2º texto, intitulado “Porque expulsaram o bando de lampião”, analisado:

“Que expulsou lampião foi todo o povo de Mossoró e expulsou lampião o povo de Mossoró expulsou seu bando e deu uma boa sura nele e depois perto de Mossoró um carro na contra-mão passou tão perto do bando que botou o bando no chão e partiu em tres pedaços o chapéu de Lampião”.

Nesse fragmento, temos a repetição do trecho “o povo de Mossoró”, o qual mostra que a criança nessa idade ainda não possui a capacidade de fazer uma substituição adequada que, nesse caso, seria substituir a expressão “o povo de Mossoró” pelo pronome “eles”, sem alterar o sentido do texto. Também presenciamos a repetição da palavra “expulsou”, que se dá pelo fato da criança não ter um vocabulário de conhecimento adequado a sua disposição, para alterar essa palavra e não mudar o sentido do texto.

Para a discussão a seguir faz-se necessário trata da concordância verbal, representa a relação entre o verbo e o sujeito, na qual o primeiro deve concordar em número (singular ou plural) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª) com o segundo. Já a concordância nominal é o modo como o substantivo vai concordar com os seus complementos: adjetivo, numeral, pronome e artigo. Essa concordância se dá em gênero (masculino e feminino) e pessoa. Esses são os elementos encontrados na análise do 3º texto, intitulado “Por que expulsaram o bando de lampião”, conforme observamos a seguir:

“Quem expulsou o Lampião foi os policiais de Mossoró, por que eles faziam muitas maldades nas outras cidades, só deixa alguém vivo se fizer alguma coisa pra ele, as cidades que ele passou fazendo maldades eram muitas eu só sei que ele partiu de Luiz Gomes e até que um dia ele morreu ele era um dos maiores cangaceiros do Rio Grande do Norte e ainda bem que ele não passou por Severiano Melo mas passou por perto”.

Nesse trecho, detectamos que o aluno ainda não possui a capacidade da concordância verbal e nominal, pois ele não as utiliza. Por exemplo, o aluno não realiza a concordância entre “foi” e “policiais”, que deveria acontecer, pois, o primeiro está se referindo ao segundo, sendo assim, deveria substituir por “foram os policiais”, o verbo concordando com o sujeito. Temos também o pronome “eles” que, de acordo com o texto, deveria concordar com

Lampião, no entanto, o pronome está no plural e o substantivo no singular. Com a expressão pronominal, o aluno queria fazer menção à expressão “O bando de Lampião”, no entanto, ele só colocou Lampião. Deste modo, não houve concordância nominal, já que o pronome “eles” não concorda com o substantivo Lampião, para o qual a maneira correta seria “ele”, havendo concordância. O aluno também não realiza a concordância de tempo, isso acontece porque ele não faz a conjugação do verbo no passado, o que deveria ter sido feito, pois o texto trata de uma história que ocorreu no passado. Os exemplos são os verbos “deixa” e “fizer”, como se trata de uma ação passada, o correto seria “deixava” e “fizesse”.

A seguir, tratamos da análise do 4º texto, intitulado “Por que expulsaram o bando de lampião”. Destacamos o seguinte fragmento:

“Lampião era um cangaceiro matava na frente, matava no terreiro nao deixava nenhum vivo, lampião sempre quis ser dono do Mundo, saia parecendo o rei. matava todos e só faltava o resto do Mundo, só queria se vingar de Mossoro por isso tem aquele ditado ‘Quem procura acha’ e ele procurou e achou, correu muito de Mossoró e depois se mandou. *Os policiais não teve nada a dizer matou lampião e ele nada a dizer por isso morreu não podia dizer nada por isso Morreu não podia dizer nada, falar nada, morreu graças a deus aquele desgraçado todo baleado*”.

Tratamos novamente da ausência de concordância verbal. Nesse caso, com a contração do verbo “ter”, o aluno traz “teve”, no entanto, não está concordando em número com o substantivo, que é “os policiais”. Desse modo, a expressão correta deveria ser “os policiais não tiveram...”, o que faria o verbo concordar em número com o substantivo. Ele também alterna letras maiúsculas e minúsculas, mostrando que ainda não tem o modelo global de estruturação de um texto.

Analisamos a seguir um trecho do 5º texto, intitulado “Quem acaba de expulsar o bando de lampião?”, no qual destacamos:

“Foi todos mudo de Mossoró e la ele Lampião ficou sozinho como um garoto perdido com a vergonha batento no seu peito do lorido, e dezoito mato e lampião desceu a ponte derendo pros companheiro o Nordeste já foi bom já prestou pra cangaceiros lampião foi primeiro cantando mulher rendeira”.

O aluno não começa o parágrafo com letra maiúscula, o que mostra que ele, assim como a maioria dos outros alunos, ainda não assimilou as regras de uma boa produção textual. A palavra mudo no texto é um erro gramatical, pois, nesse caso, a palavra correta seria “mundo”, porém, ele escreveu sem o “n”, dando outro sentido ao texto. Temos também a

palavra “todos” perdida no contexto, levando em consideração que ela não se adéqua nem a “foi”, nem a “mudo”, ambas no singular. A palavra “todos” está no plural, seria mais adequado se estivesse no singular, se enquadrando ao contexto. Detectamos a fragmentação de palavras, o que ocorreu com a palavra “dolorido”, escrita pelo aluno como “do lorido”. Isso acontece devido à interferência da oralidade, pois, quando falamos essa palavra temos a impressão que são duas, por isso, a criança na fase da aquisição tende a segmentar essa palavra.

Analisamos agora o 6º texto, intitulado “Por que expulsarão o Bando de Lampião”, destacando o seguinte:

“No dia que não consigo escrever nem uma linha que cotinha da di de na cartinha do sabe que tinha achado um caderno sobre um dos e evento qué ia ouver num dos palcos do inferno lampião foi o primeiro o segundo foi cão que tirou enprimeiro contonos uma bela cansão a lampião derão umpasse para viajar lampião disse lizeiro meu sertão vou visitar dar um abraço em duadeiro e um susto em mossoro. *Vamos para de papo furado e vamos ao melhor que foi quando lanpião foi espulso de Mossoró lanpião foi enganado tantagente* e ispulso os cabras do mototaxis io du cobro correndo i derão toto no negro que ele tinha ele ficou o bando foi ficou espuso de mossoró”.

Uma marca explícita da oralidade nesse caso é “papo furado”, que não se enquadraria aqui por se tratar de uma linguagem coloquial muito utilizada na fala, no entanto, quando usada em um texto escrito, pode torna-lo inadequado. Isso acontece pelo fato do aluno ainda não ter adquirido a concepção de que um texto, no contexto escolar, na maioria das vezes, deve ser escrito em uma linguagem culta, pra que ele fique claro, tanto para quem escreve como para quem vai lê-lo. Temos a palavra “espusa”, escrita com “s”, outra marca comum da oralidade, que se dá pelo fato do “x” ter som de “s”. Também está faltando a letra “l”, e isso mostra que o aluno ainda não incorporou ao seu léxico a palavra “expulsou”. Encontramos as palavras “tanta” e “gente”, escritas em uma só palavra: “tantagente”. Nesse caso, fica a dúvida se o aluno escreveu por conta de um desvio na hora de escrever, ou se considera essa escrita à correta.

Ao analisarmos esses textos, percebemos que, nos anos iniciais, nos quais as crianças estão adquirindo a escrita, elas tendem a escrever exatamente como falam. No entanto, é dever da escola e do professor orientar os alunos para que, com o passar dos anos, eles possam escrever bem, que consigam, nos anos finais, escrever um texto bem estruturado sem apresentar desvios quanto à norma padrão da Língua Portuguesa.

Diante dos dados encontrados, entendemos que a oralidade interfere de forma significativa na aquisição da escrita, isso porque os alunos ainda não possuem um léxico amplo e eficiente, por isso, cometem tantos desvios, escrevendo exatamente como falam. Para eles, as palavras que apresentam o som de “s” na fala também são escritas com “s”, como, por exemplo, a palavra canção escrita pelo autor do texto seis com “s”, “cansão”. Com o passar do tempo, através da prática de escrita e da leitura, esses desvios deixam de ocorrer, e os alunos passam a construir seu léxico.

O papel do professor é orientar os alunos nesse processo de aprendizagem. Com essa orientação, as crianças vão incorporar o léxico escrito, e as regras da gramática tradicional, ou seja, o professor tem como responsabilidade introduzir a criança no mundo da escrita, sendo que é a partir do professor que a criança passa a construir a sua linguagem oral e escrita.

Este trabalho contribui para o ensino de Língua Portuguesa, pois, apresenta aos professores os principais desvios cometidos pelas crianças na fase da aquisição da escrita. Dessa forma, o professor pode apoiado neste trabalho, pode buscar a melhor maneira de ajudar seus alunos a superarem esses desvios, e que pouco a pouco as crianças possam construir em sua mentes o léxico relacionado à escrita que irão utilizar por toda a vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar os textos produzidos por alunos do 6º ano do ensino fundamental, produzidos na disciplina Língua Portuguesa, procurando identificar a interferência da oralidade na escrita de crianças em fase de aquisição. Notamos que os alunos nos anos iniciais de escolarização tendem a escrever como falam. Um exemplo é a palavra expulsar, que foi escrita diversas vezes nos textos com a letra “s”, isso acontece por causa da pronúncia da palavra, na qual o “x” tem som de “s”.

Avaliamos a repetição de palavras que ocorre, na maioria das vezes, porque os alunos, nesse nível de escolaridade, ainda não possuem um léxico apropriado para exercer a substituição de uma palavra por outra, sem afetar o sentido do texto. Trabalhamos também com a ausência de concordância verbal, como, por exemplo, quando o aluno escreve: “Quem expulsou o Lampião foi os policiais”, nesse caso, não ocorre a concordância do verbo “foi” com o sujeito “os policiais”.

Diante desses resultados, podemos comprovar que a oralidade vai interferir na aquisição da escrita, já que, quando estão em um processo de aprendizagem, as crianças

tendem a escrever da mesma forma que falam. Esta pesquisa possibilita aos professores identificarem que os desvios que as crianças cometem durante o processo de aquisição da escrita são comuns, pois contemplam esse processo de aprendizagem. Diante disto, eles deveriam corrigir os desvios que surgem para que assim as crianças possam construir seu léxico. Diante do que foi discutido, entendemos que a escola tem que estar preparada para suprir todas as necessidades dos alunos nessa fase tão importante da vida estudantil.

Dessa forma, este trabalho contribui para o ensino de Língua Portuguesa, pois, apresenta aos professores os principais desvios cometidos pelas crianças na fase da aquisição da escrita. Dessa forma, o professor pode apoiado nesta pesquisa, buscar a melhor maneira de ajudar seus alunos a superarem esses desvios, e que pouco a pouco as crianças possam construir em suas mentes o léxico relacionado à escrita que irão utilizar por toda a vida.

Como perspectiva de aplicação para este estudo, acreditamos que estes resultados devam ser levados para o contexto da sala de aula, principalmente do Ensino Fundamental, pois acreditamos que os professores, assim como a escola, devem conhecer os desvios que as crianças cometem em sua fase de aquisição da escrita, para que possam procurar a melhor forma de esclarecê-los, e evitar que os alunos tenham esses desvios como a forma correta. Isso porque cabe aos professores encontrar a melhor maneira de trabalhá-los, mostrando a forma mais adequada da escrita que atenda às exigências da escola, para que, dessa forma, as crianças possam, pouco a pouco, ir construindo seu léxico.

5 REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M., et al. **Cenas de Aquisição da Escrita: O Sujeito e o Trabalho com o Texto**. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

BALIEIRO JR. A. P. Psicolinguística. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (org) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001, p. 171-201.

CAPRISTANO, C. C. **Segmentação na Escrita Infantil**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SCARPA, E. M. A. Aquisição da linguagem. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (org) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001, p. 203-232.

STAMPA, M. **Aquisição da leitura e da escrita** – uma abordagem teórica e prática a partir da consciência fonológica. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.